

# "O CONGRESSO VAI APOIAR AS REFORMAS QUE O BRASIL PRECISA"

■ **Orçamento x Parlamentares** — "Não adianta colocar no Orçamento e o Tesouro não pagar. Não adianta eu dizer sim ao Congresso e o ministro da Fazenda ter a ingloria tarefa de fechar, na boca do cofre, porque não há recursos. Vamos, com clareza, definir o que dá para fazer já. O povo vai entender melhor o parlamentar quando esse parlamentar, ao invés de dizer, 'coloquei tanto no Orçamento para tal obra', ele, sabendo que não virá a obra, disser 'eu não coloquei nada porque estou ajudando uma outra obra que tem transcendência'. O eleito entende isso muito mais que um esforço enorme para colocar uma obra que não será feita".

■ **Recursos x Investimentos** — "Nós temos recursos. Só para 95, entre as estatais e Orçamento, nós temos R\$ 1 bilhão de estatais, mais R\$ 1,6 bilhão de renúncias fiscais, mais R\$ 1 bilhão do BNDES. Somados à contrapartida dos estados R\$ 1,4 bilhão, são R\$ 5 bilhões. Não é muito, mas dá para fazer alguma coisa. Muitas não são para obras novas, mas o que estamos fazendo com esses R\$ 5 bilhões? o que podemos fazer mais? Vamos dividir, porque não é justo fazer em um estado e não fazer em outros. Vamos fazer obras que atiniam vários estados".

■ **Banco do pobre** — "Nós podemos e temos que apoiar a microempresa. O Cebrae tem recursos. São cerca de US\$ 500 milhões. Esse dinheiro é do povo. Imposto. Saiu da renúncia fiscal sobre ele, a gestão dos setores empresariais não tem que ser só publicidade em jornal, não. Chega. Vamos usar isso para o povo pobre. Vamos fazer com que uma parcela disso seja utilizada em programas sociais. Países mais pobres que nós fazem isso, como é o caso de Bangladesh. Vamos fazer o Banco do Pobre. Com US\$ 20 milhões faz-se um empréstimo, pouquinho. Uma favela lá em Macapá, Palmas, Rio

Branco, Manaus. Lá tem gente capaz de criar um pequeno ofício. O Cebrae, ou quem seja, que se junte aí e faça o Banco do Pobre. Por que não? Com essas populações ribeirinhas, eventualmente não poderiam ter uma embarcação um pouco melhor para tirar o seu sustento. Quem paga isso? Fazemos dessa forma e que as taxas de juros não sejam escorchantes, como são hoje".

■ **Economia Informal** — "Hoje, não se trata só de emprego, não. É de ocupação, que é uma coisa um pouquinho diferente de emprego. Emprego é uma coisa estável, um posto. Nós temos que gerar emprego e ocupação, que muitas vezes não tem nada a ver com uma estrutura maior, mais complexa. É informal, mas é naquela informalidade que a pessoa sobrevive. O Governo, ao invés de estar pensando só em botar imposto no informal, tem que estar pensando em dar condições mínimas para o informal gerar uma renda para a família sobreviver. Ações diretas simples, para um povo simples, junto com as grandes obras estruturadoras, como Jari e Carajás. Isso dá para fazer e está aí o procedimento desses bilhões que evaporam de um dia para outro com pequena especulação de meia dúzia de pessoas que não têm o mínimo de patriotismo".

■ **Real** — "O real, para nós, é mais que uma moeda. É um símbolo de um país que saiu de uma inflação de cerca de 5000% ao ano para níveis que variam entre 1,7 e 2,7% ao mês. Isso não é talento de um ministro que possa eventualmente ter tido capacidade política, não é feito pelo brilho de uma equipe. Isso foi feito por um País que cansou da inflação e descobriu que a inflação penalizava mais os pobres. Os grupos de privilégios, de poder de interesses e de interesse político se opuseram na época. Alguns por incompreensão. Aí, nada a operar. Há que explicar. Outros por interesse. Aí, nada a

perdoar. Há que contrariá-los. Se opuseram duramente".

■ **Ajustes** — "A sustentabilidade do real depende de que nós tenhamos, agora, a firmeza de, com antecipação, tomar decisões. Quando o consumo está superaquecido, não é o consumo do povo. Não. Esse continua precisando consumir mais. Quando o consumo está superaquecido, cabe ao Governo desaquecê-lo e nunca é popular cortar possibilidades de expansão. Se não se faz isso hoje, em poucos meses mais se paga o preço. E aí não tem mais remédio: é a volta da inflação, é a crise cambial e isso nós não pregamos. E não faremos que ocorra no Brasil, em nenhuma hipótese. Governante que se preze, e todos nós nos prezamos, é governante que assume responsabilidades. Portanto, não diz sim só para agradar. Diz sim quando está convicto e diz não quando é necessário".

■ **Reformas x Congresso** — "Nos momentos mais difíceis e mais decisivos, o Congresso apoiou (o real) e vai apoiar, de novo, as reformas que o Brasil precisa, porque nós vamos explicar que elas são feitas porque o povo precisa delas. Nós faremos as reformas necessárias a este País. Nós vamos, antes mesmo que elas possam se concretizar e seus frutos possam realmente florescer, fazer o que está ao nosso alcance".

■ **Índios** — "Os direitos indígenas têm que ser respeitados. Fui signatário da preservação dos ianomâmis e mantenho meu ponto de vista. É diferente da situação daqueles que estão aculturados. Não tem sentido tratá-los da mesma forma, como se não fossem aculturados".

■ **Saída para o pacífico** — "Quero conhecer os pontos do projeto. É importante termos uma saída para o Pacífico, uma entrada para as importações e saída para as exportações. Os estados não querem ampliar o Brasil. Querem comerciar e têm esse direito. No momento certo, o Governo tomará a decisão a esse respeito".